

Absurdo, Revolta e Exílio na Obra de Albert Camus

Aldo Berndt

Madrugada de 2 de janeiro de 1960, via Paris-Sens. Ocorre uma violenta colisão. Entre os destroços do automóvel encontra-se um cadáver, identificado como Albert Camus, escritor, nascido a 7 de novembro de 1913 em Mondovi, Argélia. Em seus bolsos foi encontrada uma passagem de volta para Paris, de trem, não utilizada. Por essas mesmas horas estava Madame Francine Camus, a segunda esposa do portador do Prêmio Nobel de Literatura do ano de 1957, preparando o apartamento para a volta do marido, que estava marcada para o dia subsequente. Não sabia ter êle decidido, poucas horas antes, voltar com antecedência na companhia de um amigo.

O absurdo dessa morte pareceu corresponder, aos olhos de seu mundo, à sua filosofia. Essa morte repentina causou profundo choque em seu vasto círculo de amizades, conhecidos e leitores. Houve, por assim dizer, um sentimento geral de lógro. A impressão de que súbitamente lhes faltou alguém, a que não cabia o direito de faltar. Sua obra, sua presença como ser humano, manifestamente pareciam mostrar-se, numa medida imprevista, necessárias.

E esta personalidade humana e literária, inseparáveis em si, procuraremos em rápidos traços apresentar.

De certo modo pode-se afirmar que Camus, em sua obra, não descobriu nada de novo. Seu pensamento descende diretamente de Nietzsche, Dostoiewski e Unamuno (de Pascal e Molière, como costumava acrescentar), e entre os contemporâneos, porém em muito menor grau, Gide, Malraux e Montherlant.

Um dos principais característicos de Camus consiste em ser um escritor independente de época determinada, embora tenha vivido intensamente o drama de seu tempo. Por outro lado, é surpreendente notar-se sua rejeição do vocabulário filosófico contemporâneo. Ao contrário de uma prosa cada vez mais pesada e carregada de termos técnicos, procura voltar à simplicidade, ao linguajar cotidiano. Não teme o emprêgo de palavras aparentemente desgastadas. Sob sua pena devolve-lhes seu verdadeiro sentido.

Embora estando enraizado no existencialismo francês, como ensaísta, autor de dramas e romances, não é propriamente um filósofo existencialista. Apesar de certas origens comuns, não pode ser agrupado indistintamente entre os filósofos existencialistas de

nosso tempo. Recebe e aceita suas influências, mas em decisiva e enérgica contraposição, toma e defende rumos próprios. Muito antes poder-se-ia agrupá-lo dentro da larga tradição de moralistas franceses.

Sua obra, apesar de limitada, expõe todo o ciclo evolutivo do autor. Nas palavras de Jean- Paul Sartre: «... precisamos aprender a encarar essa obra interrompida, como algo completo». E mais adiante em suas considerações sobre o autor, prossegue Sartre: «Na mesma medida em que o humanismo de Camus contém uma atitude humana frente à morte, que o surpreendeu; na mesma medida em que sua orgulhosa e pura busca da felicidade encerra e exige a desumana necessidade da morte, reconhecemos também em sua obra e em sua vida, em si inseparáveis, a pura e vitoriosa tentativa de um homem, lutando para arrancar cada fôlego de sua existência da morte iminente».

A paisagem mediterrânea

Em meio à soberba paisagem mediterrânea, entre esse pequeno povo, «sem tradição, mas não sem poesia», trazendo dentro de si uma ainda velada mensagem de estreita identificação com o mundo, decorreram os anos da juventude de Albert Camus. Ainda não são passados cem anos do tempo da conquista e já, dentre um povo ainda militarmente dominado, antecedendo-se aos «pioneiros do solo», nascem os pioneiros do espírito humano. Sua mensagem não possui ainda forma nítida e se restringe a expressões como — Juventude, Mar e Sol. Porém, sente-se que essas palavras tem aqui um sentido mais profundo. E' como se o objeto designado as saturasse e as abarrotasse até o transbordamento. Palavras nas quais se embriagam completamente os sentidos. Conseguirão algum dia dar-lhes todo o seu pêso e valor real? Juventude, Mar e Sol — já há milhares de anos soaram essas palavras na antiga Grécia, no início de uma das maiores aventuras da humanidade. Nessa aventura crêem firmemente os primeiros representantes da nascente «escola argeliana». Para revivê-la encontraram justamente o mais importante. Um mecenas. Chama-se Charlot. E' livreiro e torna-se editor, publicando indistintamente tudo o que o grupo produz: panfletos, manifestos, livrinhos de poesias e até um periódico. Todos procuram e sentem algo estar por acontecer. Tentam exprimi-lo, ainda que desajeitadamente, em seu lirismo de tonalidades mediterrâneas. À noite, reúnem-se todos, à hora em que os argelianos costumam tomar seu aperitivo. Certa noite, como não podia deixar de acontecer, Camus é introduzido no grupo. Noite histórica. O próprio Ulisses reúne-se aos seus companheiros. Pois Camus encontrou em sua própria odisséia, nos reverses de sua vida, em sua alegria e em sua ira, nas linhas paisagísticas de sua terra, se não a solução final, mas ao menos o sentido e a direção de seu pensamento e obra. Juventude, Mar, Sol... Surgem seus primeiros ensaios literários: Noces à Tipasa (Núp-

cias em Tipasa) e Le Minotaure ou le halte d'Oran (O Minotauro ou o alto de Oran). Ouçamo-lo descrever em Noces os esponsais do homem, embriagado pela luz, com as flôres e o mar: «Ao fim de alguns passos, os absintos começam a sufocar-nos. Sua parda vegetação cobre as ruínas a perder de vista. Sua seiva fermenta sob o calor, e da terra ao sol sobe de todo o mundo um álcool generoso, que faz tremeluzir o céu. Nós caminhamos ao encontro do amor e do desejo. Não buscamos lições, nem a amarga filosofia que pede à grandeza. Além do sol, dos beijos e dos aromas violentos, tudo nos parece fútil... Aqui abandono aos outros a ordem e a moderação. E' a libertinagem da natureza e do mar que por completo me domina». E mais adiante: «Com o rosto molhado de suor, mas o corpo refrescado sob o leve tecido que nos veste, exalamos a ditosa canseira de um dia de núpcias com o mundo».

Camus é o magistral intérprete da mensagem, que denuncia o choque, atingindo tôdas as pessoas na Argélia: o de estar ofuscado pela luz.

Poder-se-ia naturalmente pensar numa terra abençoada pelos deuses. Também Camus sucumbiu a essa tentação: «Na primavera os deuses habitam Tipasa, e os deuses falam através do sol e no aroma das plantas...». Porém, logo após, corrige-se: «Pobres daqueles que necessitam de mitos... Para quê preciso aludir a Dionísio, a fim de dizer que gosto de esmagar as bagas de lentisco sob o meu nariz?».

Na Argélia não existem deuses. A natureza argeliana parece satisfazer-se consigo mesma. Os deuses estão ausentes. Ou melhor: Deus está ausente! Pois Camus não se ilude com a religiosidade das pérolas coloridas, que apodrecem nos cemitérios. Aqui apenas existe a felicidade presente, liberta de tôda metafísica. Mal terminado o curto inverno, apenas um desejo habita o coração dos homens e mulheres das cidades, correr às praias e oferecer o corpo desnudo ao sol.

Que significam aqui palavras como: futuro, confôrto e posição? Não é preciso, muito antes, entregar-se ao momento, nêle penetrar, mergulhar, como se mergulha no mar? «O mar é a liberdade. O homem livre sempre amarâ o mar». «Preciso estar nu e depois mergulhar no mar ,ainda todo perfumado das essências da terra, lavar estas naquele, e afogar em minha pele o abraço pelo qual suspiram, de lábios nos lábios, há tanto tempo, a terra e o mar».

Em meio às paisagens mediterrâneas, imerso nas orgias da luz e do mar, Camus encontrou o que procurava: antes de tudo a alegria, a simples alegria de viver. «Porque iria eu negar a alegria de viver? ... Não há vergonha em ser feliz... e eu considero um imbecil aquêle que tem mêdo de gozar». Pela primeira vez reconhece Camus: Todo o meu reino é dêste mundo, um mundo ao qual ... «nunca poderia aproximar e identificar-me suficientemente».

Mas surgem também em Noces as sombrias observações feitas no decurso de uma viagem a Florença. Nessas descrições voejam os fantasmas dos cemitérios. Como poderia varrer da lembrança, em meio ao luminoso verão, os crâneos sôbre as mesas das celas dos franciscanos em Fiesole? Pela primeira vez, o sol ensina a Camus sua mortalidade. Ensina-lhe que, mais cedo ou mais tarde, estaria condenado a essa abominável e suja aventura, contra a qual se revoltava com todo o seu ser. «Eu digo não. Digo não com tôdas as minhas fôrças». Inútil oposição, pois, como ensinam as lajes sepulcrais, a vida passa 'col sol levante col sol cadente'. Mas ainda hoje, não vejo porque a frustração deveria diminuir a minha revolta. Pois sinto justamente como a enriquece. E que acôrdo mais legítimo para unir o homem à vida do que a dupla consciência do seu desejo de duração e do seu destino mortal? Pois, como afirma mais adiante: «Convenço-me de que não há felicidade sôbre-humana, eternidade fora da curva dos dias. Êsses bens irrisórios e essenciais, essas verdades relativas, são as únicas que me impressionam. As outras, «ideais», não tenho alma bastante para as compreender. Não que tenhamos de comportar-nos como animais, mas não encontro sentido na felicidade dos anjos».

O sol abre-lhe os olhos ainda para outra verdade: a miséria. Camus considera a miséria um sinal da conditio humana; o sinal de sua luta contra a opressão, contra a injustiça; o sinal dos fatos, ou, em uma palavra: a história. A história é a desesperada tentativa dos homens em dar forma aos seus sonhos clarividentes. Em cada homem há uma parte de eternidade e outra de história. Ambas são irreconciliáveis, mas desejam uma integral concretização.

Essas foram as lições alcançadas pelo jovem Camus, nas quais se encerrava tôda a harmonia humana. Entretanto, nessa harmonia faltava algo: Deus. Em todo êsse sistema faltava algo. Pois não existindo Deus, não conhecendo êsse mundo criação nem fim, plano ou alvo, não existindo nenhum ser superior dirigindo a vida, estando a eternidade totalmente vazia, aja ou pense-se como quiser, é impossível deixar de sentir um mal-estar. Um mal-estar que domina todo o resto, até que a gente o reconheça, admita e lhe dê um nome. Ainda mais, êsse mal-estar é o próprio sistema. E' o absurdo.

O Absurdo

Por essa época tem início a segunda guerra mundial. Alguns dos realistas e violentos artigos de Camus, contra a miséria e o atraso reinantes na província francesa da Argélia, tiveram sérias conseqüências para o seu autor. Pois é de se compreender que êsses artigos, na atual situação, causassem um insuportável desassossêgo às autoridades. O jornal 'Argélia Republicana' foi ocupado militarmente. Camus revoltou-se. Não pôde compreender que

se utilizasse a guerra contra uma ditadura para implantar outra, no próprio país. Pouco tempo após, Albert Camus, 26 anos de idade, de profissão jornalista, recebe uma ordem de desterro. Parte para Paris. Em sua bagagem leva o drama *Calígula* e os manuscritos de *L'Étranger* (O Estrangeiro), seu primeiro romance.

Nesse romance o personagem central, Mersault, que narra sua vida, revela uma absoluta insensibilidade ante a indiferença do destino. Mas quem é Mersault? Exteriormente, apenas um modesto funcionário que vive na Argélia. Sua história, narrado apenas o enredo, não passaria de um romancinho de folhetim. Entretanto, em suas páginas impera uma verdade dupla, em dois aspectos diversos: o do momento e o da eternidade, o da miséria e do sol, o da história e da tragédia, representando um grandioso desafio à divindade, sem gritos de revolta, sem ameaças, sem blasfêmias, ressoando apenas como um eco.

Mersault pensa, fala e age, como se de fato estivesse alheio a si mesmo. Algumas palavras nos darão o tom dêsse entorpecimento. O Mersault alheio a tudo e a todos. Alheio no enterro de sua mãe. Alheio no cinema, onde, já no dia seguinte, com Maria, ex-colega de serviço, que nesse mesmo dia se torna sua amante, assiste a uma comédia de Fernandel. Alheio nos banhos de mar, nos acontecimentos que se desenrolam em sua casa e na rua. Alheio na amizade e amor, que lhe oferece Maria. «Isso me é indiferente» são as únicas palavras que têm valor em sua vida. Mas e na ação, no crime que pratica? Também nesse Mersault não toma parte íntima. Seu amigo Raymond, um pequeno canalha, tem uma questão com um árabe, por lhe ter espancado a irmã, sua amante. Numa praia que freqüentam, após uma agressão da parte dos árabes, Raymond o abandona, tendo-lhe antes, entregue um revólver. Mersault aproxima-se sem nenhuma má intenção do árabe, que ameaçadoramente ainda o espreita. «Para mim era história liquidada, e viera para aqui sem pensar no caso. Logo que me viu, levantou-se... tirou a navalha do bolso e mostrou-me ao sol. A luz refletiu-se no aço e era como uma longa lâmina faiscante que me atingisse a testa. A ardência do sol queimava-me as faces e senti de súbito escorrer, o suor acumulado nas sobrancelhas, pelas pálpebras abaixo, cobrindo-as com um véu morno e espesso. A espada de fogo, que brotava da navalha, penetrou-me nos olhos doloridos. Meus olhos ficaram cegos pelas lágrimas e sal... Foi então que tudo vacilou... crispei a mão que segurava o revólver... O gatilho cedeu, foi aí que tudo principiou... compreendi que destruíra o equilíbrio do dia».

Na segunda parte do livro, Mersault é levado a júri. Está rodeado de pessoas, seus irmãos, mas de que maneira! Pessoas que só fazem de conta que Deus existe. Todos são seus juizes. E como não sabe, ou não quer dizer nada em sua defesa, porque enfim, em seu alheamento, tudo lhe é indiferente, seu caso é rapidamente examinado. Juntam-se os indícios, que são transformados em provas do seu crime e de sua natureza monstruosa. O en-

têrro da mãe em que não derramou sequer uma lágrima e, imaginem, fumou um cigarro diante do ataúde! O filme com Fernand, o seu caso de amor já no dia seguinte! Tudo isso, senhores jurados, indica que estamos diante de um monstro. E um monstro é mais fácil de explicar. Um monstro precisa ser eliminado. Mersault levanta-se para dizer as últimas palavras: «Eu não tive a intenção. A culpa foi do sol». Gargalhadas ressoam pela sala. Segue-se a leitura da sentença que o condena à morte.

Na cela, em que aguarda a execução, recebe a visita de um sacerdote. Mas que poderia fazer por êle? Mersault não sabe o que é pecado. Sabe-se culpado porque lho disseram. Deus? Eu respondi não acreditar em Deus. Quis saber se eu tinha certeza disso. Disse-lhe que não valia a pena fazer essa pergunta. Mas como, nenhuma certeza? Sim. Uma. O mundo existe. Mas nenhum desejo por outra vida? Isso não é possível! De repente Mersault não suporta mais a presença do sacerdote. Irado, agarra-o pela sotaina. Insulta-o. Tinha um ar tão confiante, não tinha? Mas nenhuma de suas certezas valia um cabelo de mulher. Nem sequer tinha a certeza de estar vivo, já vivia como um morto. Eu parecia ter as mãos vãs. Mas estava certo de mim mesmo, certo de tudo, certo da minha vida e dessa morte que se aproximava... Pelo menos possuía essa verdade, tanto quanto ela me possuía a mim.

E' o definitivo despertamento de Mersault para o absurdo da vida e para a felicidade que ela contém, justamente por ser absurda. «Sentia-me outra vez calmo. Como se a minha fúria me tivesse purgado do mal, esvaziado da esperança, diante da noite carregada de sinais e de estrêlas, abri-me à terna indiferença do mundo».

Mersault, enquanto na prisão, descobre entre as táboas de seu catre um recorte de jornal. «Relatava um acontecimento cujo início faltava, mas que devia ter sucedido na Checoslováquia. Um homem partira de sua aldeia para fazer fortuna. Ao fim de vinte e cinco anos, regressara casado e com um filho. A mãe, juntamente com a irmã, tinha uma estalagem na aldeia. Para lhes fazer uma surpresa, deixara a mulher e o filho noutra estalagem e fôra visitar a mãe, que não o reconheceu. Por brincadeira resolve hospedar-se aí, esperando que o reconhecessem. Mostrara o dinheiro que trazia. De noite, a mãe e a irmã tinham-no assassinado a marteladas e atirado o corpo ao rio. No dia seguinte de manhã, a mulher do desgraçado viera à estalagem e revelara, sem saber, a identidade do viajante. A mãe enforcara-se. A irmã, atirara-se a um poço.

Esse episódio serviu de base para o drama *Le Malentendu* (O Equívoco). Essa peça, com sua sufocante atmosfera, foi apresentada na destroçada Paris de 1944. Porém, dentro do pessimista conceito da existência humana, aparece uma solução de otimismo em relação aos homens. Pois tudo teria sido diferente, se o filho tivesse dito: Sou eu, êste é o meu nome. Isto significa que

o homem, num mundo indiferente e injusto, pode salvar a si e aos outros, simplesmente com honestidade e escolha de palavras acertadas.

Le Malentendu foi recebido com certa reserva. Compreende-se. O jôgo de acasos torna tôda a situação um pouco inverossímil. Contudo, expõe magistralmente a terrível ironia de um destino indiferente e absurdo. Marta, a irmã, cujo mais ardente sonho é visitar e viver nas luminosas paisagens das costas do Mediterrâneo, para poder realizá-lo torna-se ladra e assassina. E o último assassinado é justamente o irmão, que lhe trazia a resposta aos seus anseios.

Calígula veio trazer a primeira consagração a Camus, no ambiente do palco. Nesse drama, a personagem central é colocada frente a frente com o absurdo da morte, descobrindo então que o mundo está mal organizado.

Encontramo-nos a 38 d. C. O jovem César Caius Calígula reina com sabedoria e bondade. Nas palavras do jovem poeta Cipião: «Estimo-o. Ele era bom para mim. Animava-me. Dizia-me que a vida não é fácil, mas que temos a arte, a religião e o amor para a aliviar. Queria ser um homem justo». Mas Calígula perde sua amada irmã Drusila, a quem estava prêso por outros laços, além dos do sangue. O incesto era um segredo público. Essa morte parece lançá-lo num surdo desespero. Dêsse dia em diante está envenenado pelo horror e desprêzo. Deseja possuir o impossível. Através do assassinio e da mudança de todos os valores procura realizar uma liberdade, a qual, no final reconhecerá como falsa. Abandona por alguns dias o palácio. Os patrícios desesperam. Ao voltar confessa ao seu amigo Helicon: «que está aprisionado por uma verdade muito simples e muito clara, talvez um pouco estúpida, mas difícil de descobrir e de suportar». «E qual é essa verdade, Caius?» «Os homens morrem e não são felizes». «Ora, Caius, tôda a gente passa bem sem essa verdade. Olha à tua volta. Não é ela que os impede de comer». «Então é porque tudo à minha volta é mentira, e eu, eu quero que se viva na verdade. E, justamente tenho meios para os obrigar a viver na verdade». Tímidamente, aconselha Helicon, que descanse um pouco. Porém, Calígula responde: «Não é mais possível, Helicon, nunca mais será possível». Pois Calígula anseia pelo impossível, por algo que aos homens sômente ocorre em brincadeira. Ele deseja a Lua! E como os homens riem sôbre isso e desistem, Calígula quer lhes ensinar. Possui os meios para tal. O poder e a violência. Tendo em mãos um poder ilimitado, pretende empregar tudo para combater o absoluto e o absurdo em seu próprio terreno. Criar o absurdo na terra e não permitir que um falso «bom senso» paralize os homens. Passou todo o conformismo, tôda a sabedoria política, tôda justiça e virtude. Trata-se agora de conquistar a liberdade. Esse mundo não tem importância. Quem reconhece

isso, conquista sua liberdade. «Ide anunciar a Roma que a liberdade lhe é restituída, e que com ela, vai começar a sua grande provação». Calígula inicia seu reinado de terror. Assassínatos e violaões estão na ordem do dia. O absurdo se instalou. Mas chega o momento em que Calígula, mesmo absoluto, não possui mais a razão. Pois nesse mundo ridículo, nem tudo é ridículo como imagina. Determinados homens e valores não podem ser desprezados. Um dêsse homens, Cipião, o enfrenta vitoriosamente. Cipião, o poeta, apesar de tudo, o ama e compreende. Mas sabe que a morte utilizada por Calígula contra o absurdo, pertence inseparavelmente à vida. Revolta-se contra o tirano, não só por êste lhe ter assassinado o pai, mas por estar maculando a «grande morte» que valoriza e justifica o homem. Num diálogo, Calígula afirma a Cipião: «Se exerço o poder é por compensação». «Por compensação? A quê?» «À estupidez e ao ódio dos deuses». «O ódio não compensa o ódio. O poder não é uma solução. E não conheço senão uma maneira de contrabalançar a hostilidade do mundo». «Qual é?» «A pobreza». Dêsse momento em diante Calígula está condenado. Reconhece que matar não é a solução. A conspiração se aproxima. «Não escolhi o bom caminho. Não consegui nada. A minha liberdade não é boa». Os golpes das armas assassinas o atingem. Todos o ferem. Num último soluço, rindo e estrebuchando, grita: «Ainda estou vivo».

Camus, avaliando Calígula, diz o seguinte: «Calígula é um homem, a quem a sêde de viver conduz à fúria da destruição. Um homem, que por fieldade a si mesmo, trai aos demais. Rejeita todos os valores. Se a sua verdade consiste em negar os deuses, assim o seu êrro, negar os homens. Não compreendeu que não se pode destruir tudo, sem destruir-se a si mesmo».

Em 1942 foi editado o primeiro ensaio filosófico de Camus: *Le Mythe de Sisyphe* (O mito de Sisifo).

O mundo é absurdo. Mersault, Marta e Calígula, o demonstraram. Entretanto existem certos aspectos e conceitos que fogem ao terreno das obras literárias. A êstes, cabe ao filósofo e ensaísta, defini-los. «Eu afirmei ser o mundo absurdo». Com isso apressei-me demais. O mundo, em si, não é racional. Isso é tudo o que dêle se possa dizer. Absurdo, porém, é o confronto entre o irracional e o ardente desejo de clareza, que desperta no mais íntimo do homem».

Le *Mithe de Sisyphe* gira em tórno da pergunta fundamental de tóda filosofia: Vale a pena viver? Tem a vida um sentido? Se não tiver, deve ser vivida ou cometer-se suicídio? A vida somente teria sentido se houvesse Deus ou a fé no transcendental. Mas Camus, no radicalismo de suas perguntas, é levado a negar essa fé. «O coração dentro de mim, eu o sinto e posso avaliá-lo. Da mesma maneira o mundo. Todo o resto me escorre entre os dedos, como água».

A cansativa monotonia do cotidiano obriga a procurar pelo seu sentido. Isso é o primeiro sinal da absurdéz. Caem então os bastidores. Levantar, bonde, quatro horas de escritório, comer, quatro horas de escritório, bonde, comer, dormir, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, sempre o mesmo. Um dia, porém, surge a pergunta «por quê». Ao tédio mistura-se o espanto e tudo principia. Uma náusea, como o denomina Sartre, nos assalta diante dos outros e de nós mesmos. Um sentimento de «malaise» (mal-estar), diante das preocupações da vida e da inutilidade do sofrimento. Tudo se torna absurdo. E isto, tanto no campo dos sentimentos, como no da razão. E' impossível alcançar um reconhecimento verdadeiro. Não resta nenhuma possibilidade para a razão.

O problema é como sair dessa situação. Naturalmente existe a religião. Mas Camus repele êsse «salto». Considera-o um «suicídio filosófico». «O absurdo é o pecado sem Deus». Outra solução seria o suicídio, com sua impiedosa lógica. Camus igualmente o repele. Pois o suicídio conteria a falsa esperança de carregar junto o absurdo para a morte. O absurdo apenas tem um sentido, quando a gente o conserva, sem nunca se conformar, revoltando-se continuamente contra êle. A revolta é, pois, a única resposta filosófica conseqüente. Em vez de viver melhor, decide-se por viver mais, para alcançar o máximo de possibilidades da vida.

Sisifo torna-se o símbolo da vida. Os deuses condenaram Sisifo a rolar continuamente um bloco de rocha ao cume de uma montanha, donde, pelo seu próprio pêso, torna a rolar para baixo. Creram, com bons motivos, não haver castigo mais terrível do que um trabalho inútil e sem esperanças. E apesar disso, na hora da descida, hora em que se torna consciente, Sisifo é maior que o seu destino. Sua grandeza reside no reconhecimento de sua desesperança. Sabe que o seu destino lhe pertence. Com o rosto colado à rocha, prendendo-a entre as mãos calosas, Sisifo sente uma alegria, desconhecida até dos próprios deuses. Sisifo nos ensina a grande fidelidade que rola a rocha e nega os deuses. Êsse universo que doravante não conhece nenhum senhor, não lhe parece inútil, nem infrutífero. E' preciso imaginar Sisifo como um homem feliz.

1947, terminada a guerra, cessou o movimento de resistência, no qual Camus tomou parte ativa. Tôda a tragédia dos quatro anos passados é apresentada sub species aeternitatis, no seu esplêndido romance *La Peste* (A Peste). Êsse romance, em forma de crônica, narrado pelo personagem central, o Dr. Rieux, obteve o «Grand Prix de Critiques».

La Peste desenvolve-se em Oran, uma cidade vasia, comum, sem encanto ou atração alguma. Em Oran, morrer significa ape-

nas deixar de existir. Deixar de existir, depois de uma existência sem destino, que consiste de hábitos, trabalho, amor, baralho e mexerico. Nisso Oran é uma cidade bem moderna. O que lhe falta é o sentimento para com a morte.

Numa manhã de abril surge a peste trazida pelos ratos, que aos milhares abandonam os esgotos, para morrer em plena rua. Agora sim, a morte deixa de ser algo distante para se tornar uma realidade pessoal. Atinge a todos. Torna-se uma tragédia.

Mas examinemos os personagens dessa tragédia. Doutor Bernard Rieux, ao abandonar sua residência, naquela manhã de abril, tropeça no primeiro rato morto. Ele é filho de um operário e exerce sua profissão no bairro pobre. No contato com seus colegas, vizinhos e pacientes, mantém uma certa reserva, considerada como indiferença. Entretanto Rieux é uma dessas pessoas que crêem ser necessário esforçar-se ao máximo no desempenho da profissão. Além disso, o Dr. Rieux possui um segredo. Nunca pôde se conformar com a morte e sua própria impotência diante dela. Sua indiferença é o protesto contra a injustiça e a indiferença de um mundo, cujo arquiteto está ausente e cujas criaturas sofrem cega, contínua e desesperadamente.

Também Jean Tarrou possui um segredo. Tarrou surgiu certo dia em Oran, sem ao menos se saber donde. Passa os dias perambulando, tomando banhos de mar e observando os característicos dos habitantes da cidade, para anotá-los num diário. As anotações de uma obra nunca escrita. O que ele oculta é uma experiência terrível e dolorosa. Seu pai, um promotor público que procura condenar todos os criminosos à morte, um verdadeiro fornecedor dos açougues públicos, um dia o convida para assistir a um processo. Durante o mesmo, ao examinar longamente o réu, um homem pequeno, desajeitado, indefeso, com o aspecto de uma coruja depenada, compreende porque seu pai sofre de insônia. Sente o que significa a pena de morte. Foge do local. Sente-se «pesteado». E desde que assistiu uma brutal execução na Hungria, vive atormentado. Toma a decisão de repelir tudo o que aparente ou ocultamente, com bons ou maus motivos, condene à morte ou justifique que se mate.

Rambert, jovem e vaidoso repórter, que se encontra casualmente em Oran, é separado pela peste de sua amada em Paris. Vive agora unicamente para voltar. Amor e felicidade são as coisas mais importantes de sua vida.

Descerra-se a cortina. Os ratos empestam a cidade. Esse povo que nem ao menos sabia o que era a felicidade da vida, conhecerá agora a infelicidade da morte. A peste lhes ensinará. Os corpos se cobrem de feridas pustulentas e do suor da febre. Os moribundos agonizam em estertores. A princípio todos silenciam, tentando ignorá-la ou considerar como coisa passageira. Apenas

o Dr. Rieux, que também gostaria de duvidar, e o Dr. Castel, velho e experimentado médico, ousam diagnosticá-la e dar-lhe o nome. Certa manhã é declarado o estado de quarentena. Ninguém mais pode entrar ou sair da cidade. A morte campeia. O povo se arrasta pelas ruas sob o flagelo.

Apenas duas pessoas, ainda que por diversos e opostos motivos, a peste não consegue abalar. Cottard, que pouco antes tentara o suicídio por causa de suas canalhices. Agora que a vida dos outros está ameaçada, revive. Essa criatura abjeta só pode viver nas catástrofes. Seu infortúnio pessoal se transforma em felicidade, diante da desgraça alheia. Pois aqui, atirando-se ao mais negro niilismo, tira suas vantagens pessoais.

O outro é o padre Paneloux, homem temente a Deus, para quem a peste é um sinal de castigo. Excelente orador, do alto do público, bombardeia os crentes abalados, com o juízo vindo. Obrigá-os a caírem de joelhos: «Meus irmãos, estais na desgraça, meus irmãos vós o merecestes . . . Por tempo demasiado o mundo se uniu ao mal, confiando excessivamente na misericórdia divina».

Em Oran, transformada em prisão, reina a terrível lógica do terror. Tudo acontece aqui: egoísmo, loucura, tentativas de fuga, negociatas, aproveitadores e até mesmo a ridícula cena das lutas entre os comandos sanitários e o govêrno pela manutenção da ordem.

Mas a tragédia maior se desenrola no íntimo das almas. Como na do Padre Paneloux. Sua cega confiança em Deus não resiste à calamidade. Diante de seus olhos encontra-se uma criança à morte. E' uma terrível e desumana agonia. Padre Paneloux se ajoelha e ergue sua voz em sufocada lamentação e súplica: «Deus meu, salva esta criança». Mas a criança perece. E Paneloux tem que ouvir a acusação do Dr. Rieux: «Ah! ao menos êste era inocente. Isso o sabe». O Dr. Rieux não aceita os ensinamentos da Igreja. Não consegue colocar-se sob um Deus que não conhece nem compreende. «A salvação é uma palavra grande demais para mim. Não vou tão longe. Para mim trata-se, em primeiro lugar, da saúde. No momento existem apenas doentes que precisam ser curados . . . é melhor cuidar disso do que erguer os olhos ao céu, onde Deus silencia. Revolto-me contra uma criação, onde as crianças são torturadas até a morte».

Camus, apesar de rejeitar a fé, coloca a personagem do P. Paneloux entre os comandos sanitários, onde perece lutando contra a peste.

Tarrou, em meio à calamidade, em meio à revolta, somente tem um problema, que o atormenta: «Pode-se ser um santo sem Deus? Êsse é o único problema real que hoje conheço». E nessa espécie de santidade atéia, Tarrou morre.

Rieux sente a derrota completa. Sòmente êle restou à margem da desgraça, com o coração despedaçado e as mãos vãs. Existe acaso a vitória? Certamente, uma manhã a peste desaparece de Oran. Festas, danças e alegria. Na Igreja sobem as orações de louvor e agradecimento. Até o infame Cottard recebe sua punição. Mas um homem sente o significado do momento, é Rambert. Tinha desistido da fuga. Reconhecera que a peste atinge a todos e que é preciso envergonhar-se em ser feliz sozinho. Houve uma mudança em sua vida. Nunca mais será o mesmo. A peste tinha-lhe imprimido sua marca indelével. Da mesma forma o Dr. Rieux. Não se ilude mais. Os homens permanecerão sempre os mesmos. E o único que pode uni-los é um pouco de amor. Apesar de tudo aprendeu que «Nos homens há mais coisas para admirar, do que desprezar». Mas Rieux, ouvindo a alegria das ruas, lembra-se que a mesma sempre estará ameaçada. O bacilo da peste não morre nem desaparece nunca. Algum dia para desgraça e lição dos homens, a peste acordaria novamente, para enviar seus ratos morrer numa cidade feliz. Dr. Rieux é o Sisifo que, na sua honestidade e solidariedade, representa um profundo e arduamente conquistado humanismo.

Tôda a obra de Camus se espelha no seu principal ensaio filosófico: *L'Homme Révolté* (O Homem Revoltado). Um exame mais acurado dessa obra torna-se aqui impossível. Mas tentaremos passar rapidamente pelas principais idéias.

O que é o homem na revolta? Um homem que diz «não». Esse não é o acentuado pela existência de um limite. O sentimento do revoltado diante dos excessos dos outros, que deixando seus limites invadem os dêle, exprime êsse limite. Enquanto o absurdo é um sentimento individual, o movimento de revolta é coletivo. E' o valor, ainda oculto no absurdo. A revolta se realiza em torno da vontade humana, o que permite supor a existência de uma natureza humana. Essa natureza humana precisa ser respeitada e protegida. Há um sentimento de solidariedade humana. Um limite que nunca deve ser ultrapassado. Sòmente pode-se justificar atentados contra os opressores, aceitando-se a própria morte como castigo.

Nota-se que uma evolução se realizou entre o homem absurdo, que não conseguia atingir o plano da existência, e o revoltado que se levanta para defender a natureza humana, contra os assassinos.

Existe uma revolta metafísica, na qual o homem se rebela contra sua condição humana e contra tôda a criação. Uma revolta histórica, na qual é examinado o problema, da revolta ter-se tornado revolução no curso histórico. O absolutismo da história, enunciado por Hegel, tornou-se, no século XX, a grande traição contra a natureza da revolta. A revolução trará consigo o terrorismo e o niilismo. O escravizar, cria no século vinte, uma nova ra-

ça, onde o escravo só é livre, ao transformar-se por sua vez em senhor.

O terrorismo individual, que paga com a vida suas idéias. Mas é falso, porque pela sua falta de limites, conduz ao despotismo.

O terrorismo do estado, irracional com Hitler, Mussolini e todo facismo; e o terrorismo racional, o comunismo, onde o homem endeusado toma o lugar de Deus. Sua tragédia reside no niilismo. Totalidade não significa unidade. O estado de sítio constante não conduz à redenção.

L'Homme Révolté causou inúmeras e agudas polêmicas. Entre outras, cavou um abismo intransponível entre Camus e Sartre. Os ataques cheios de ódio, tanto da extrema direita, quanto da extrema esquerda, situaram bem a importância de sua obra.

Em 1954, sangrento levante incendeia tôda a Argélia. Os árabes enauseados e amargurados contra o processo de assimilação, antes aceito com alegria, revoltam-se agora, contra o que lhes parece mero truque colonialista. Camus que sempre permaneceu argeliano, entra decididamente na questão. Ninguém o ouve. Para os direitistas não passa de um traidor; para os esquerdistas, apenas um mero e vago idealista. Para onde quer que se dirija, é recebido ostensivamente. Anos sombrios, para os quais não vê solução. Não há nenhum caminho. O exilado inútilmente procura voltar. Nada. Apenas o exílio.

La Chute (A Queda) é sua única obra totalmente desesperançada, que termina numa irônica e inconsolável resignação. Em Le Mithe de Sisyphe há uma frase que encerra o conteúdo do livro: «O absurdo é a consciência do pecado, sem a fé em Deus».

Jean-Baptiste Clamance, narra, em continuado monólogo, sua vida a ocasionais ouvintes. Pouco antes, Clamance, brilhava na alta sociedade de Paris como famoso advogado. Tinha tudo a seu favor: eloquência, bela estampa e excelente fama. Era um homem honrado. Sob seu manto de desinteressado defensor das causas justas, ocultava o coração de um homem nobre e justo. Seu caráter se manifestava nas pequenas coisas cotidianas, procurando todos os dias praticar o bem.

«Por exemplo, eu dava tudo para auxiliar um cego a atravessar a rua. Com prazer fornecia informações aos passantes. Auxiliava em qualquer dificuldade. Tinha prazer em dar esmolas. Um amigo meu, muito cristão, falou-me, certo dia, do mal-estar que sentia ao ver um pobre aproximar-se de sua casa para pedir esmola. A mim isso fazia exultar. Enfim, vivia satisfeito comigo e com o mundo. Como se costuma dizer, era uma vida bem sucedida.

Porém, surge um incidente. Certa noite ao cruzar uma ponte, satisfeito, tinha vindo de uma bem sucedida aventura amoro-

sa, pára ao acender um cigarro. De repente, ouve uma gargalhada. Vira-se. Nada. Continua. Novamente a gargalhada. Ela não tinha nada de misterioso. Ao contrário, era natural e quase amigável. Mas uma risada que penetra e desnuda tôdas as coisas. Era como se um outro Clamance estivesse rindo. Daquele dia em diante vê a si mesmo com outros olhos. Passo a passo descobre o outro lado de sua nobre personalidade. E isso em pequenas coisas. Por exemplo: «Quando me separava de um cego, que tinha conduzido ao outro lado da rua, tirava o chapéu. Esse cumprimento naturalmente não era para êle, pois não podia ver. Para quem então? - Para o público, é lógico! Depois da apresentação, o cumprimento. Nada mal, hem»? A gargalhada acusadora tinha-lhe revelado a falsa aparência de suas virtudes. «Eu preciso confessar que já sempre quase estourara de vaidade... Sempre que abria a bôca, ensaiava meu próprio louvor, principalmente quando o fazia com aquela altissonante discreção em que era mestre... Quando auxiliava a alguém, sômente o fazia por pura amabilidade. Assim o meu mérito era maior e eu subia mais um degrau em meu amor próprio. Até o meu esquecimento era, aqui e ali, meritório. Existem pessoas, cuja religião exige o perdão das ofensas. De fato, êles as perdoam. Mas nunca as esquecem. Eu não era tão bom para poder perdoar. Mas sempre acabava por esquecer».

Quando Clamance relembra fatos passados, um secreto rubor de vergonha lhe sobe à face. Nem sempre tinha se saído tão bem assim. Recorda-se de uma constrangedora aventura com uma mulher. De outra feita, ter permitido que lhe esbofetessem em plena rua, sem reagir. Desagradável não era só o fato de que descia na opinião pública. Desagradável acima de tudo, era descobrir sua verdadeira face.

Um acontecimento acabou por abalar a sua segurança. Ao atravessar outra ponte, passada um hora da meia-noite, viu, entre o chuvisco, uma esbelta figura de mulher, vestida de negro, debruçar-se por sôbre a amurada da ponte. Sua figura não o deixou indiferente, mas tinha recém vindo de uma aventura e seus sentidos estavam satisfeitos. Prossegue. De repente ouve o ruído do baque de um corpo na água. «Parei, mas não me voltei. Quase ao mesmo tempo, ouvi repetidos gritos rio abaixo, até que de repente silenciaram. Quis correr embora. Não pude. Uma moleza invadira meu corpo. Até que finalmente consegui me afastar. Não disse nada a ninguém. Não compreí nem li jornais nos próximos dias». O que fazer agora que o crime estava cometido? Clamance faz honestamente essa pergunta a si mesmo. Reconhece que é culpado. Não menos culpado do que todos os homens. Clamance acorda num mundo sem transcendência. Inicialmente nega-se a acreditar. Está convencido de que agora todos irão descobrir sua verdadeira personalidade. Procura antecipar-se ao riso alheio, vivendo o ridículo. Escândalos, devassidão, álcool e uma exclamação, considerada inconveniente: «Meu Deus!» entre um cír-

culo de ateístas, num bar. Mas Clamance reconhece que não basta acusar-se, para desculpar-se. Encerra sua carreira de advogado, trocando Paris por Amsterdão, onde desempenha seu último papel, o de juiz-penitente, numa taberna do cais.

Ninguém é inocente. Portanto, todos são culpados. Cumpre arrancar-lhes a máscara da face e mostrar-lhes o espelho da verdade. Sua hipocrisia, seu egoísmo e todo o mal oculto por detrás de sua falsa aparência. Para isso utiliza-se de um método muito jeitoso. Cada noite, sob qualquer pretexto, inicia uma conversa com um freguês casual. Durante a conversação, narra-lhe sua vida. Naturalmente isso não é uma confissão comum. É uma acusação, que conduz o outro a reconhecer-se a si mesmo. «Na filosofia, como na política, meu caro, sou partidário de toda teoria, que nega a inocência dos homens e que na prática os trata como culpados. Como vê, eu sou um partidário esclarecido da sujeição... Quando todos são culpados, começa a Democracia».

Clamance é um profeta vazio para uma época desesperadora. Mas um profeta para o qual não existe nenhuma salvação, nenhuma fuga e nenhuma esperança. «Oh! Mocinha, precipita-te mais uma vez na água, para que eu tenha uma segunda oportunidade de nos salvar a ambos. Uma segunda vez! Ah! Que loucura! Imagine, meu caro, se nos tomassem ao pé da palavra. Nós teríamos que realmente nos atirar na água. Brr, a água é tão fria! Mas não tenha receio! Agora já é muito tarde, sempre será tarde demais. Por sorte!»

Então, realmente, só existe o exílio? Não existe por acaso, em algum lugar, também o reino?

APÊNDICE

Camus e o Cristianismo

Ao ser convidado para pronunciar-se perante os dominicanos do mosteiro Latour-Marbourg em Paris, Camus, situando-se, afirmou: «Gostaria de deixar claro o fato de que não me sinto possuído de uma verdade absoluta ou mensagem. Por essa razão jamais partirei do princípio de que a verdade cristã seja uma ilusão, porém, sempre do fato de eu não ter conseguido acesso a ela.» Com isso fica bem definida a sua posição.

Ao permitir-se fazer algumas exigências aos cristãos, não quer ser confundido com um farisaísmo ateu, que julga ser o cristianismo algo fácil, e, em nome de um cristianismo apenas visto por fora, exija mais dos cristãos do que de si mesmo. Pois as suas exigências são tanto dirigidas a cristãos quanto a não-cristãos.

O mundo necessita de um diálogo autêntico, que fuja à mentira e ao silêncio. Um diálogo em que as pessoas permaneçam sendo o que são. Em que os cristãos permaneçam cristãos.

O mundo espera que os cristãos não permaneçam nos conceitos abstratos, mas que se coloquem resolutamente diante da suja face da história. Que estejam decididos a falar aberta e claramente, garantindo pessoalmente o que foi dito. Que o seu agir e falar seja lúcido e honesto.

«Pergunto aos cristãos: Continuará Sócrates a ser abandonado? Arriscar-nos-emos a permanecer como assistentes à já tantas vezes repetida execução de Socrates?»

Nós estamos diante do mal. Sinto-me realmente com Agostinho antes de sua conversão: 'Procurava pela origem do mal, mas não conseguia resolver essa questão'. Mas eu sei, juntamente com outros, o que fazer, pelo menos para não aumentar o mal, se não podemos limitá-lo. Talvez não possamos evitar que nessa criação crianças sejam torturadas. Mas pelo menos podemos diminuir o seu número. E se os cristãos não nos auxiliarem nisso, quem então, nesse mundo, poderá ajudar-nos? Eu estou certo — e essa certeza é muitas vezes minha ânsia secreta — que pela decisão dos cristãos milhões de vozes reforçariam o grito desse pequeno grupo, que sem lei e sem fé, incessantemente se dispõe a defender os homens e as crianças.

Nas palavras do Padre Bruckberger: Camus após seus encontros com sacerdotes, sempre saía abatido e inexplicavelmente decepcionado. Talvez nunca obtivesse o que procurava. Em toda sua vida, Camus, procurou um substitutivo para o cristianismo. Se os seus esforços eram anti-cristãos, certamente não o eram seus sentimentos pessoais.